

“RETRAER” E “POR VÓS” NA CANTIGA DA GUARVAIA

João Soares Lôbo

No mundo non me sei parelha,
mentre me for como me vay,
ca ja moiro por vos — e lay,
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraya
quando vus eu vi en saya!
! Mao dia me levantei,
que vus enton non vi fea!

E, mia senhor, des aquel di' lay!
me foi a mi muyn mal,
e vos, filha de don Paay
Moniz, e ben vus semelha
d'aver eu por vos guarvaya,
pois eu, mia senhor, d'alfaya
nunca de vos ouve nen ei
valia d'ua correa.

(Cancioneiro da Ajuda, ed. crit. e com. por
Carolina Michaelis de Vasconcelos, 2 vols.,
Halle, Niemeyer, 1904, v. I, p. 82, cantiga 38.)

Essa, uma das mais famosas cantigas do cancionero medieval português. De autoria de Paio Soares de Taveirós (séc. XII-XIII), chamou-se “cantiga da Ribeirinha”, por ter sido feita em homenagem a D. Maria Pais Ribeiro, que o rei D. Sancho I “filhou” (tomou para si), como diz a “Chronica Breve” do Arquivo Nacional (ap. Nunes). É também conhecida

como "da garvaia" ou "da guarvaia", por ser a única em que aparece tal palavra, constituindo-se num hápax.

Tem ela merecido o exame e as opiniões de filólogos e estudiosos, ilustres xenófonos e lusófonos, como Joseph M. Piel, Leo Spitzer, J. Horrent, Carolina Michaelis de Vasconcelos, A. J. da Costa Pimpão, M. Rodrigues Lapa, Celso Cunha, Massaud Moisés e outros.

Queremos destacar os dois nomes finais, por serem do nosso maior convívio, o último especialmente, autor de *A Literatura Portuguesa Através dos Textos*, onde a cantiga em epígrafe, com seus oito versos, é a primeira e merece destaque especial de quase três páginas de notas explicativas, coisa que não acontece nem com os mais de oito mil versos dos *Lusíadas* de Camões.

Por que tanta importância? Responde Celso Cunha: por causa "das questões literárias, lingüísticas e históricas que ela suscita; dificuldades de ordem vária que ela encerra" (Cunha, 1963, p. 13).

Já o Professor Massaud Moisés, na parte mais pessoal da sua lição, afirma ser a cantiga

de equívoca classificação, porquanto apresenta simultaneamente elementos lírico-amorosos e satíricos. O trovador nos dá a impressão de encobrir, sob o manto da reverência imposta por sua condição de cavalheiro em "serviço amoroso" de sua dama, suas setas embebidas em sarcasmo ou ou despeito. (Moisés, 1976, p. 17).

Mestre Celso Cunha, por sua vez, com a autoridade que lhe conferem seus estudos ecdóticos, perfilha, citando autoridades, esse parecer:

Referindo-se a esta cantiga, disse J. J. Nunes que ela apresentava feição duvidosa, isto é, não se identificava plenamente com as cantigas de amor do CA. (Cantigas de Amor dos Trovadores Galego-portugueses, Coimbra, 1932). J. Horrent considera-se também ambígua: "Au milieu des déclarations d'amour se glissent des perfidies incisives". E acrescenta: "la chanson en fin de compte discrédite la dame." (Cunha, 1963, p. 24).

Ressaltamos ser totalmente outra a nossa opinião.

Até onde nos é dado saber, não existe na poesia medieval portuguesa esse meio-termo, esse "escárnio de amor", como quer o nobre titular da USP.

Contrastantes e de tendências opostas, essas duas vertentes da lírica medieval portuguesa, — a amorosa e a satírica, jamais compartilhariam o mesmo espaço. A cantiga de amor, como diz o próprio mestre paulista, "postulava o máximo de subserviência e veneração", de modo que a ironia, clara ou subentendida, aí entrevista, "não se compadece com as estritas normas do amor cortês." (Moisés, 1976, p. 19).

Todo o mal-entendido procede, a nosso ver, da pouco feliz escolha da significação atribuída ao verbo "retraer" no quinto verso da primeira estrofe e a expressão "por vós" no quinto verso da segunda.

O Prof. Massaud Moisés, como o Prof. Celso Cunha e os demais estudiosos citados, interpretam esse verbo como "retratar, descrever, relatar", — significação apresentada pelo *Glossário do Cancioneiro da Ajuda* de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos.

Ora, o próprio Prof. Massaud Moisés acrescenta a esse verbo um segundo sentido: "afastar-se de, retirar-se de, desviar-se de, recuar" e um terceiro: "desistir de, renunciar a" e tanto um quanto outro combinam bem no contexto da cantiga e ainda margeiam as dificuldades criadas pelo sentido primeiro. Além do mais, o sentido apresentado pela mestra alemã não é o principal nem o mais antigo do verbo. Dele não tomam conhecimento os nossos dicionários etimológicos de José Pedro Machado, Antônio Geraldo da Cunha, nem o mestre Moraes, entre outros.

Quanto à expressão "por vós", que os estudiosos em questão interpretam como "para vós", acreditamos dever-se considerar no seu sentido mais espontâneo e normal, equivalendo a "por vosso intermédio" (sugestão "a" de M. Moisés, 1976, p. 18). Na verdade, se a Ribeirinha era filha de "don" Pai Muniz, nobre, portanto, não poderia estar ela querendo "para" si o manto da nobreza, mas sim temendo que "através" dela o trovador o quisesse "aver".

Todos os livros didáticos por nós consultados, que apresentam a cantiga, seguem a lição dos estudiosos acima citados.

Aceitamos então o convite do Prof. Massaud Moisés, no seu tão citado livro, "a entrar no debate" e buscar a interpre-

tação que nos parece contribuir para melhor e mais coerente entendimento e classificação da intrigante cantiga que vem desafiando os sábios, mesmo porque, segundo nos lembra o prestigiado mestre carioca, "os trabalhos científicos são sempre perfectíveis". (Cunha, 1963, p. 13). Eis, pois, a nossa interpretação.

Não sei de ninguém no mundo igual a mim, / enquanto me acontecer como vem acontecendo, / pois eu morro de amor por vós, ai! / minha senhora clara e rosada, quereis que vos esqueça, / depois de vos ter visto em trajes íntimos! / Em dia aziago acordei, / que não vos achei feia então! // E, minha senhora, desde esse dia, ai de mim! um grande mal me aconteceu, / e é que a vós, filha de D. Pai Muniz, / parece-vos possível que eu queira / por vosso intermédio obter o manto da nobreza, / ao passo que eu, minha senhora, de prenda / nunca de vós recebi nem tenho / a coisa mais sem valia.

O trovador protesta, na primeira estrofe, contra o fato de a mulher amada pretender que ele desista do seu amor. Isto o faz sentir-se infeliz e sem sorte, por ter-se apaixonado ao vê-la em trajes íntimos, quase nua, achando-a tão linda a ponto de se dispor a morrer por ela. Na segunda estrofe, mais uma vez, o trovador apaixonado volta-se contra o mal que o persegue: a amada, nobre de nascença ("a filha de don Paay Moniz") e que lhe dera tanta esperança, persiste na desconfiança de um amor tão desinteressado agora como antes.

Cortejada pelo próprio rei, ela poderia pensar que o trovador ao cantá-la pudesse querer servir-se do prestígio dela para auferir vantagens dos privilégios que o convívio real viesse propiciar-lhe. Por isso ele contra-argumenta preventivamente com o exemplo do seu passado: Se ele, favorecido com a intimidade que lhe proporcionara, nunca se beneficiou da prenda mais ínfima, não iria também cobiçar o manto da realeza, tornando ignóbil o antigo amor.

O que ele pleiteia é o reconhecimento e aceitação do seu serviço amoroso, a correspondência ou consentimento na sua paixão, tanto bastaria para livrá-lo da morte.

Freqüente, allás, nos idos medievos da lírica portuguesa esse protesto de morte passional e do poder feminino para evitá-la.

D. Dinis, por exemplo, rei trovador, assim encerra uma sua cantiga de amor, também controvertida:

Hun tal home sei eu, aquest'óide:
que por vós marr' e vo-lo en partide,
vede quen é e non xe vos obride,
eu, mia dona.

que assim achamos dever-se interpretar (pois temos visto em muitos livros didáticos a expressão "vo-lo en partide" absurdamente explicada como "desejais que ele parta"):

Eu conheço um homem, escutai isto:
que nome por vós: livrai-o pois de tal coisa para
vós mesma; olhai quem é e não vos esqueçais:
sou eu, minha senhora.

Na cantiga de Pai Soares de Taveirós, então, o trovador confessa o seu amor incondicional. A amada sugere que ele renuncie à sua louca paixão e ele insiste nas juras arrebatadas sem que nem a indiferença nem a atribuição de falsas intenções o façam desistir. Nenhuma das "perfidies incisives" que Horrent lhe atribuiu, nada que "discrédite la dame". Somente amor e paixão inspiraram o trovador.

É, portanto, a cantiga de amor, sem "caráter dúbio" e em sua "peregrina e persistente beleza".

Usando-se, pois, as notas do Prof. Massaud Moisés no seu *A Literatura Portuguesa Através dos Textos*, que realmente ajudam na interpretação da cantiga da guarvaia, pode-se chegar a um entendimento simples e mais tranqüilo desse poema de amor plurissecular e tão belo, desfazendo-se ainda a dificuldade que a interpretação até agora sugerida pelos estudiosos cria para a sua classificação.

BIBLIOGRAFIA

1. CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira**, Editora Nova Fronteira S. A., Rio, 1982.
2. CUNHA, Celso. Branca e Vermelha (Sobre um Passo da "Cantiga da Garvaya"), in **Língua e Verso**, Ensaios, Livraria São José, Rio, 1963.

3. MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, Editorial Confluência - Livros Horizonte, Lisboa, 1967.
4. MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**, 16.^a ed., Editora Cultrix, São Paulo, 1980.
5. MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa Através dos Textos**, 7.^a ed., Editora Cultrix, São Paulo, 1976.
6. MORAIS SILVA, Antônio de. **Dicionário da Língua Portuguesa**, 2.^a ed., Typographia Lacerdina, Lisboa, 1813.
7. NUNES, José Joaquim. **Crestomatia Arcaica**, 2.^a ed., Portugal-Brasil Sociedade Editora, Lisboa, s. d.
8. PIMPÃO, Alvaro Júlio da Costa. **História da Literatura Portuguesa**, Editora Quadrante Ltda., Coimbra, 1947.
9. VASCONCELOS, Carolina Michaelis de. **Cancioneiro da Ajuda**, ed. cri. e com. por..., 2 vols., Halle, Niemeyer, 1904.
10. VASCONCELOS, José Leite de. **Textos Arcaicos**, 3.^a ed., Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1922.
11. VIEIRA, Dr. Fr. Domingos. **Grande Dicionário Portuguez**, Editores E. Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, Porto, 1874.